

PRORROGADO ENVIO DE RESUMO ATÉ DIA 09/10/2018 - FILOSOFIA DA
PSICANÁLISE

**AS REALIDADES EM FREUD E WINNICOTT NA CLÍNICA COM A VELHICE:
UMA ILUSTRAÇÃO CLÍNICA**

Flávia Maria De Paula Soares (flaviaps@hotmail.com)

O objetivo deste trabalho é compreender os diferentes modos de relação entre o indivíduo e a realidade pelas teorias psicanalíticas de Freud e Winnicott a partir de um fragmento de caso clínico de uma senhora idosa para ilustrar as diversas relações do indivíduo com a realidade e parâmetros de saúde e psicopatologia. A existência da realidade é um questionamento filosófico de tradição: as coisas existem em si mesmas ou elas existem somente quando alguém as percebe? A realidade é uma criação mental? Como saber se percebo a realidade, se estou sonhando ou se trata-se de uma armadilha de um gênio enganador? Se a realidade existe por si mesma, as pessoas percebem as coisas do mesmo modo? Ou de maneira particular? Do questionamento filosófico sobre a existência das coisas na realidade, sobre a existência da realidade ela mesma, passamos para a compreensão psicanalítica freudiana sobre a possibilidade de constituição de uma concepção psíquica sobre o mundo externo – realidade – na medida em que se constitui uma realidade interna. A concepção psíquica da realidade, para Freud, é demarcada a partir da diferenciação entre uma interioridade e uma exterioridade dada pela formação do ego como instância psíquica na fronteira entre o interior e o exterior. A realidade psíquica é regida pelo princípio do prazer e a realidade externa é definida como a realidade compartilhada e

ganha traços do que é desagradável que pode, aos poucos, ser tolerado pelo psiquismo. Os questionamentos passam a ser então, inicialmente, como alguém conhece a realidade e em seguida se há concordância entre a representação psíquica da realidade e o mundo externo. Como saber se a realidade interna representa a realidade factual objetiva, ou se ela supõe como real o que é uma fantasia? Para responder estas questões Freud propõe o constante trabalho de reiteração do “teste de realidade” como regulador entre fantasia e realidade no psiquismo adulto. Critérios de normalidade e psicopatologia podem ser definidos a partir destes modos de relação entre realidade psíquica e realidade externa. As fantasias podem ser indicadoras de psicopatologias. Uma terceira forma de relação com a realidade é proposta por Winnicott quando ele traz a noção de transicionalidade, uma concepção precursora do conceito de espaço potencial. Como uma terceira área da experiência, ela não é nem interior e nem exterior, nem objetiva nem subjetiva, mas um espaço potencial, no qual o indivíduo pode descansar da constante e árdua tarefa de separar a realidade externa da realidade interna subjetiva. No início da vida, com os cuidados da mãe suficientemente boa como ambiente facilitador, o bebê em sua dependência absoluta, concebe o objeto subjetivo na crença onipotente de que o cria. Na medida em que a sua dependência torna-se relativa, e a mãe apresenta falhas necessárias para a experiência de separação do bebê, este começa a perceber a realidade externa e a independência da existência dos objetos no mundo, independente dele. A partir daí ele pode usar os objetos. A transicionalidade se situa na abertura da percepção da separação entre mãe e bebê, como fenômeno para apaziguar as vivências de solidão e ansiedade do bebê, e como abertura da criatividade para viver a vida e existir de forma significativa. O brincar, o campo da cultura, da arte e religião são modos de expressão da potência criativa e espontânea do espaço potencial. Na perspectiva da psicanálise winnicottiana, a imaginação indica mais uma forma de o indivíduo lidar com a realidade, mas diferentemente do lugar da fantasia nas psicopatologias tal como indicado por Freud, aqui indica a possibilidade de se manter a saúde mental, experimentando os recursos da realidade subjetiva, mas mantendo relação com a realidade externa compartilhada.